

Proletários de todos os países: UNI-VOSI

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O 5 DE OUTUBRO e a organização de novas lutas

Está-se tornando habitual que as datas festivas no nosso País se transformem em dias ameaçadores que decorrem num ambiente de tensão, com forças policiais de metralhadoras aperadas, como em País ocupado. Isto só por si dá a medida do apodrecimento a que chegou a ditadura de Salazar.

O dia 5 de Outubro passou-se sob uma pesada vigilância policial ao longo de todo o País. As semanas que o antecederam foram assinaladas por rusgas e prisões em larga escala.

Em Lisboa, de manhã e à tarde grandes forças da PSP e da PIDE fizeram dispersar o povo que se dirigia à tradicional romagem aos túmulos dos republicanos e à estátua de António José de Almeida. Todas as sessões e homenagens foram proibidas.

Pelo que sabemos até agora, o mesmo aconteceu no Porto e noutras terras, onde se impediu qualquer homenagem à revolução republicana. Os pescadores de Matosinhos, contudo, não se sujeitaram a esta imposição e recusaram-se todos juntos a sair para o mar, comemorando assim a gloriosa data do 5 de Outubro. No Barreiro, a alvorada foi assinalada com várias largadas de foguetes, apesar da intensa vigilância.



Ninguém se ilude sobre o significado da pausa nas manifestações políticas de rua. A indignação popular, contida por meio da violência, não tardará em irromper de (continua na 2.ª pág.)

Os operários dos Telefones concentraram-se na empresa e no sindicato

Começa a esgotar-se a paciência dos trabalhadores da Companhia dos Telefones perante as manobras da direcção do sindicato que, por conta dos patrões, tem vindo a arrastar há meses as negociações para um novo contrato de trabalho.

No dia 19 de Setembro, à hora da saída, cerca de mil operários e empregados concentraram-se à porta das oficinas da R. Andrade Corvo numa grande manifestação contra o presidente do sindicato, João de Almeida, e gritando para o administrador que apareceu:

«Queremos aumento! Queremos aumento!»

A direcção da companhia mandou chamar a polícia de choque que apareceu em força para expulsar os trabalhadores; entretanto, estes obri-

Nos dias 30 e 31 de Agosto, cerca de mil operários do movimento e das oficinas da Carris do Porto concentraram-se mais uma vez no sindicato e como a polícia os obrigasse a sair, manifestaram-se na rua, gritando «queremos mais pão». Uma comissão eleita pelos trabalhadores foi falar com 1 engenheiro e expor as reivindicações do pessoal.

Tendo a polícia encerrado a sede do sindicato no dia 3 de Setembro, deu-se no dia seguinte uma grande concentração na rua, ouvindo-se os gritos de «Queremos Pão!», «Queremos mais dinheiro!». No dia 5 de Setembro, às 4 horas da tarde, começou de novo a concentração na rotunda da Boavista que estava patrulhada por contingentes da polícia; às 6 da tarde, com a saída do pessoal das oficinas, a concentração aumenta e o engenheiro Caiola dá ordem à polícia para carregar a cassetete sobre os manifestantes, que dispersam.

No dia seguinte comentava-se em toda a cidade a luta da Carris e alguns milhares de pessoas juntam-se

UMA VIDA SALVA

Depois duma luta perseverante dos presos de Caxias, das famílias e de muitos outros portugueses, a nossa camarada Cândida Ventura foi finalmente internada numa clínica médica. Cândida Ventura sofre de graves perturbações nervosas com insónias, perda de apetite e de peso, derivadas dos maus tratos que a PIDE lhe tem infligido.

Esta vitória mostra como o caminho da luta é a única forma de arrancar concessões ao fascismo; como indicámos no último «Avante» intensifiquemos a acção em defesa da vida de outros presos, como Manuel Rodrigues da Silva e Afonso Gregório.

garam o presidente do sindicato a prometer que no dia seguinte daria contas à classe da sua actuação.

No dia 20, centenas de trabalhadores acorreram à sede do sindicato, enchendo as salas e os corredores. Como o presidente começasse mais uma vez a querer justificar o atraso das negociações, as suas palavras foram abafadas por um coro de protestos:

— Fora! Fora! Não queremos mais mentiras!

— Então já não têm confiança na direcção? — perguntou embaraçado o João de Almeida.

— Não! Não! — gritaram todos.

— Porquê?

— Porque em vez de defender as reivindicações da classe anda a cha-

(continua na 3.ª pág.)

ANTONIO DIAS LOURENÇO

ESTA A SER TORTURADO!

As poucas notícias que temos do camarada António Dias Lourenço, preso pela PIDE em Buarcos a 14 de Agosto, indicam que a sua vida está ameaçada. Sabemos já que foi algemado no momento da prisão e que esteve vários dias na tortura do sono, sendo violentamente socado.

António Dias Lourenço, que há quase trinta anos é militante comunista e que à luta pela libertação do nosso povo se tem dedicado inteiramente, precisa do apoio de todos. Salvai este destacado dirigente do Partido Comunista reclamando que cessem as torturas e espancamentos e que saia da incomunicabilidade!

Os operários da Carris do Porto manifestam-se nas ruas e lutam com a polícia

aos operários numa grande concentração. Os operários gritam «Vamos arrombar o sindicato!» e para lá se dirigem acompanhados por muitos outros trabalhadores. Cercados pela polícia e pela PIDE no centro da cidade, travou-se luta, havendo feridos de parte a parte.

O povo do Porto apoia calorosamente a luta dos valentes operá-

rios dos Serviços de Transportes Colectivos e, devido ao ambiente combativo existente, a PIDE teve que libertar alguns manifestantes que tinha prendido. A combatividade dos operários da Carris do Porto dar-lhes-á a vitória desde que se mantenham unidos e vigilantes como até aqui contra todas as promessas e manobras.

Insubordinação num quartel

Continua a espalhar-se nos quartéis a onda de agitação e descontentamento contra a guerra. Os que regressam de África — os desmobilizados, os feridos e também os presos — transmitem aos seus camaradas todo o horror da guerra colonial e o anseio de lhe pôr fim. Os protestos, as lutas e as deserções multiplicam-se.



Nas antigas instalações do Regimento de Artilharia 1, que estão agora transformadas em enfermarias para receber os feridos de Angola, há já tempo que o comandante obrigava os soldados doentes a comparecer na formatura do rancho, o que criava grande descontentamento; começaram a circular papéis dentro do quartel reclamando que acabassem as formaturas para os doentes e no dia 22 de Agosto organizaram-se piquetes que levaram todos os soldados (cerca de 400) a fazer um levantamento de rancho e a concentrar-se na parada protestando. Veio uma força de polícia militar mas os soldados não só não dispersaram como atacaram a soça e pontapé um major que os ameaçava de pistola em punho. Novas forças tiveram que ser chamadas para dominar os soldados.

A insubordinação causou grande alarme entre as autoridades militares e o próprio ministro do Exército dirigiu a repressão: quase todos os soldados foram castigados, 30 a 40 foram atirados para o Forte de Elvas e outros tiveram alta mas o seu estado de saúde era de tal modo grave que em muitas unidades voltaram a mandá-los para o hospital.

Esta acção é um exemplo de unidade, de iniciativa e de espírito de organização. Apoiar os valentes soldados!

Contra a disciplina, contra os roubos, contra a guerra

* Em CAÇADORES 5 (Lisboa) há protestos gerais contra os treinos e exercícios que são duma violência extrema, ao mesmo tempo que o rancho é miserável. Muitos soldados recusam-se a continuar os treinos e recla-

mam: «Estamos cansados! Dêem-nos de comer!»

* Em ELVAS foram presos durante 5 dias dois aspirantes por estarem no café a falar com cabos milicianos contra a guerra.

* No DEPÓSITO DE ADIDOS os soldados conseguiram que acabassem os roubos dos géneros e que melhorasse o rancho; contudo, o comandante castigou também alguns soldados por a reclamação não ter sido feita «pelos vias regulamentares»; este castigo causou indignação na unidade.

* Em meados de Agosto saíram do TAVIRA 40 milicianos a passar o fim de semana a Lisboa mas, furtos da disciplina, só regressaram ao quartel três semanas depois; sabe-se que foram todos presos.

* No aeroporto desembarcaram em Setembro dois oficiais que vieram algemados das colónias por se recusarem a combater.

APELO aos soldados e marinheiros, aos oficiais e sargentos

Hoje, nas Forças Armadas é geral o ódio à guerra; já poucos acreditam que se possa esmagar pela força a luta dos povos das colónias pela sua independência; já poucos se convencem de que seja «patriotismo» ir dar a vida e exterminar dezenas de milhares de vidas para garantir os lucros das grandes companhias.

A amargura, o descontentamento e a revolta que se acumulam no peito de todos os soldados e marinheiros procura um caminho para se manifestar. É preciso ajudá-los a lutar e a organizar-se! Aproveitai todos os movimentos e protestos para esclarecer os vossos camaradas, para estabelecer ligações, para formar núcleos clandestinos, para acumular forças! Organizai a acção dentro das unidades, desde os levantamentos de rancho, recusas à formatura resistência passiva às ordens, até à insubordinação e à recusa de embarcar para a guerra.

Vencendo todos os riscos, actualizai organizadamente contra a guerra e contra a ditadura! Ao vosso lado está todo o povo português que odeia a guerra e quer a paz e a liberdade!